

ESTADO DE GRAÇA

ANN PATCHETT

Estado de graça

TRADUÇÃO DE MARIA CARMELITA DIAS



Copyright © 2011 Ann Patchett

TÍTULO ORIGINAL
State of Wonder

PREPARAÇÃO
Clarissa Peixoto

REVISÃO
Taís Monteiro

DIAGRAMAÇÃO
ô de casa

ADAPTAÇÃO DE CAPA
ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
P332e

Patchett, Ann, 1963-

Estado de graça / Ann Patchett ; tradução de Maria Carmelita
Dias. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2012.

304p. : 23 cm
Tradução de: State of Wonder
ISBN 978-85-8057-256-8

1. Ficção americana. I. Dias, Maria Carmelita. II. Título.

12-6186.

CDD: 813
CDU: 821.111 (73)-3

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para minha amiga Jo VanDevender

UM

A notícia da morte de Anders Eckman chegou por aerograma, uma fina folha de papel azul forte que tanto fazia as vezes de papel de carta como, estando dobrado e colado nas extremidades, de envelope. Quem imaginaria que ainda existia esse tipo de coisa? Aquela folha simples viajara do Brasil até Minnesota para comunicar o falecimento de um homem, uma nesga de material tão insubstancial que apenas o selo parecia ancorá-lo a este mundo. O Sr. Fox segurava a carta quando entrou no laboratório a fim de dar a notícia para Marina. Assim que ela o viu à porta, sorriu, e ele, diante daquele sorriso, hesitou.

— O que foi? — perguntou ela afinal.

Ele abriu a boca e a fechou em seguida. Quando tentou novamente, tudo o que conseguiu dizer foi:

— Está nevando.

— Ouvi no rádio que ia nevar.

A janela do laboratório onde Marina trabalhava dava para o saguão e, por isso, ela nunca via como estava o tempo até a hora do almoço. Marina esperou um minuto até que o Sr. Fox dissesse o que tinha ido dizer. Ele não teria saído do seu escritório, a uma distância de uns dez prédios, para ir, na neve, falar sobre a previsão do tempo; mas permaneceu no mesmo lugar, sob o caixilho da porta aberta, incapaz de entrar ou de sair.

— Você está bem?

— Eckman faleceu — conseguiu dizer ele antes de sua voz falhar, e então, sem mais explicações, entregou-lhe a carta para mostrar como sabia pouco sobre aquele fato terrível.

Havia mais de trinta prédios no campus da Vogel, laboratórios e escritórios de diversos tamanhos e funções. Havia laboratórios com estações para vinte técnicos e cientistas trabalharem simultaneamente. Outros laboratórios possuíam paredes e mais paredes de gaiolas com ratos, macacos ou cães. O laboratório que Marina compartilhava havia sete anos com o Dr. Eckman era tão pequeno que bastava ao Sr. Fox estender a mão em direção a ela. Foi o que fez, e Marina apanhou a carta e se sentou lentamente na cadeira de plástico cinza ao lado da divisória. Naquele momento, percebeu por que as pessoas dizem *Talvez seja melhor você se sentar*. Sentiu, por dentro, um leve colapso físico, não um desmaio, mas uma espécie de encolhimento, como se ela fosse um metro de madeira e seus tornozelos, joelhos e quadris estivessem se dobrando, formando ângulos menores. Anders Eckman em seu jaleco, alto, os espessos cabelos louros que começavam a ficar grisalhos. Anders lhe trazendo uma xícara de café quando ia buscar uma para si mesmo. Anders lhe entregando os arquivos que ela pedira, recostado na ponta de sua mesa, repassando com ela os dados sobre proteínas. Pai de três filhos. Com pouco menos de 50 anos. Os olhos de Marina se voltaram para as datas: 15 de março na carta, 18 de março no selo e hoje 1º de abril. Não apenas ele estava morto, como já estava morto havia duas semanas. Eles tinham aceitado o fato de que não teriam notícias suas com frequência e agora ela percebia que já havia tanto tempo que ele se fora que se acostumara a não pensar nele na maior parte do dia. O desconhecimento sobre a localização do afluente do Amazonas onde a Dra. Swenson conduzia sua pesquisa na Amazônia fora salientado várias e várias vezes para o pessoal de Minnesota (*Amanhã esta carta vai ser entregue a uma criança que irá descer o rio flutuando sobre uma tora escavada*, Anders lhe escrevera certa vez. *Nem posso chamar de canoa. Nunca houve estatísticas sobre a probabilidade de ela chegar ao destino*). Ainda assim, era um país, era parte do mundo. Certamente alguém naquele lugar tinha uma conexão de internet. Será que se deram o trabalho de procurar?

— Ela não ligaria para você? Tem de existir algum tipo de satélite global...

— Ela não usa o telefone ou diz que não funciona lá.

Por mais próximos que estivessem no cômodo silencioso, ela mal ouvia a voz do Sr. Fox.

— Mas para isso... — Ela se deteve. Ele não sabia. — Onde ele está agora? — Marina perguntou. Não conseguia dizer *o corpo dele*. Anders não era

um corpo. A Vogel estava cheia de médicos, médicos trabalhando, médicos em seus escritórios tomando café. Os depósitos, os armários, as gavetas das escrivaninhas estavam repletos de drogas, de pílulas de toda espécie que se pudesse imaginar. Era uma indústria farmacêutica; o que eles não tinham encontravam uma maneira de produzir. Sem dúvida, se soubessem onde ele estava, encontrariam algo para fazer em favor dele, e com esse pensamento seu desejo pelo impossível eclipsou qualquer dado científico que ela conhecesse. Os mortos estavam mortos, estavam mortos, estavam mortos e, ainda assim, Marina Singh não precisava fechar os olhos para visualizar Anders Eckman comendo um sanduíche de salada de ovo na lanchonete dos funcionários, como ele fizera com tanto entusiasmo todos os dias em que estivera ali, desde que ela o conhecesse.

— Você não lê os relatórios sobre colesterol? — perguntava ela, sempre pronta a desempenhar o papel de coadjuvante para o colega.

— Eu escrevo os relatórios sobre colesterol — respondia Anders, deslizando o dedo pela borda do prato.

O Sr. Fox levantou os óculos e pressionou o lenço dobrado nos cantos dos olhos.

— Leia a carta.

Ela o fez, em silêncio.

Jim Fox,

Chove torrencialmente, o que não é incomum por aqui, mas ano após ano nunca deixa de me surpreender. A chuva não altera nosso trabalho, a não ser pelo fato de fazê-lo demandar mais tempo; podemos trabalhar mais lentamente, mas não paramos. Caminhamos com segurança no sentido de obter excelentes resultados.

Mas por agora o trabalho não é nossa preocupação principal. Escrevo para relatar uma triste notícia sobre o Dr. Eckman, que morreu por causa de uma febre há duas noites. Dada a nossa localização, a chuva, a burocracia mesquinha do governo (o nosso e o daqui) e a natureza de nosso projeto, que tanto depende do tempo, preferimos enterrá-lo aqui mesmo, de uma forma que respeitou suas tradições cristãs. Devo dizer que a tarefa não foi fácil. Quanto ao propósito da missão do Dr. Eckman, posso assegurar-lhes que estamos fazendo grandes progressos. Vou guardar o pouco que ele deixou para sua esposa, a quem eu gostaria de enviar essa notícia com os meus sentimentos. Apesar dos contratemplos, nós perseveramos.

Annick Swenson

Marina leu de novo, desde o início. Quando terminou, ainda não sabia o que dizer.

— Ela está dizendo que Anders é um contratempo?

Marina segurava a carta pelos cantos como se fosse um documento a ser submetido a prova. Estava claro que o papel fora molhado em algum momento e tinha secado depois. Ela via que, pela forma como estava enrugado em algumas partes, ele tinha pegado chuva. A Dra. Swenson sabia tudo sobre a relação entre papel, tinta e chuva, por isso escrevia as cartas com um lápis de grafite escuro e duro, enquanto do outro lado de Eden Prairie, em Minnesota, Karen Eckman estava em sua residência, uma construção colonial de tijolos, de dois andares, pensando que o marido se encontrava no Brasil e voltaria para casa logo que conseguisse fazer a Dra. Swenson dar ouvidos à razão.

Marina olhou o relógio. Eles deviam sair logo, antes que desse a hora de Karen apanhar as crianças na escola. De vez em quando, se por acaso Anders olhasse para seu relógio e fosse duas e meia da tarde, ele dizia a si mesmo em voz baixa: *Hora da saída da escola*. Três pequenos Eckman, três meninos que, como a mãe, não tinham noção de que o pai estava morto. Para relatar toda essa perda, a Dra. Swenson conseguira usar apenas pouco mais da metade de uma página, sendo que em metade da página se dera o trabalho de mencionar duas vezes as condições climáticas. O restante do papel era um grande mar de vazio azul. O que mais poderia ter sido dito naqueles centímetros que sobraram, o que mais poderia ter sido explicado, tudo isso estava além de uma medida científica.

O Sr. Fox fechou a porta e se aproximou da cadeira de Marina. Colocou as mãos nos ombros dela e fez uma leve pressão; as persianas das janelas que davam para o saguão estavam fechadas, então ela encostou o rosto na mão dele e, por um momento, ficaram assim, iluminados pela pálida luz fluorescente. Foi um consolo para ambos. O Sr. Fox e Marina nunca tinham conversado sobre como lidariam com o relacionamento deles no ambiente de trabalho. Não tinham um relacionamento no trabalho, pelo menos não diferente do das outras pessoas. O Sr. Fox era o CEO da Vogel. Marina era uma médica que trabalhava no desenvolvimento de estatinas. Eles tinham se encontrado, de verdade, pela primeira vez, no final do verão anterior, num jogo de softbol da empresa, médicos contra funcionários. O Sr. Fox se aproximara para cumprimentá-la por seu arremesso, e isso levou-os a uma conversa sobre a admiração que compartilhavam pelo beisebol. O Sr. Fox não era médico. Ele fora o primeiro CEO vindo do setor manufatureiro. Quando ela se dirigia a ele na

frente de outras pessoas, tratava-o como Sr. Fox. O problema era chamá-lo de Jim quando estavam sozinhos. Esse se mostrou um costume muito mais difícil de adotar.

— Eu não devia ter mandado Eckman — disse o Sr. Fox.

Ela ergueu o rosto e pegou a mão dele. O Sr. Fox não tinha motivo para usar jaleco. Naquele dia vestia um terno cinza-escuro e gravata azul-marinho listrada e, apesar de ser um traje digno de um homem de 60 anos, ele sempre parecia um peixe fora d'água quando se afastava do setor administrativo. Naquele dia, Marina notou, ele parecia pronto para um funeral.

— Você não o forçou a ir.

— Pedi a ele que fosse. Acho que ele poderia ter recusado, mas era pouco provável.

— Mas você nunca pensaria que algo assim fosse acontecer. Você não mandou Anders para um lugar perigoso.

Marina não tinha certeza de que isso era verdade. É claro que havia cobras venenosas e peixes de dentes afiados, mas ela imaginava que tais animais ficavam distantes dos locais onde os médicos conduziam suas pesquisas científicas. De qualquer maneira, a carta dizia que ele havia morrido de algum tipo de febre, e não da picada de uma cobra. Havia vários tipos de febre mesmo ali em Minnesota.

— A Dra. Swenson já está lá há cinco anos. Nada aconteceu a ela.

— Nada aconteceria a ela — disse o Sr. Fox sem demonstrar qualquer sinal de bondade na voz.

Anders quisera ir para a Amazônia. Essa era a verdade. Quais eram as chances de um médico que trabalhava com desenvolvimento de estatinas receber um convite para ir ao Brasil no exato momento em que o inverno estava se tornando insuportável? Ele era um dedicado observador de pássaros. Todo verão partia para Boundary Waters com os filhos e, numa canoa, munidos de binóculos e blocos de anotações, remavam em busca de aves, como o pica-pau da crista vermelha e o pato-de-rabo-alçado-americano. A primeira coisa que Anders fez quando soube da viagem foi comprar pela internet guias da Floresta Amazônica e, no momento em que chegaram, ele abandonou qualquer pretensão trabalho. Colocou as amostras de sangue de volta na geladeira e se dedicou às lustrosas e pesadas páginas dos guias. Mostrou a Marina as aves que esperava ver, jaçanãs com garras longas como suas mãos, anus-brancos com topetes de penugem parecendo escovas de limpeza no topo da cabeça. Seria até possível lavar um vidro de conserva com o topete de um anu-branco. Anders

tinha comprado uma máquina fotográfica nova com uma lente capaz de dar close em um ninho a uma distância de quinze metros. Não era o tipo de luxo a que ele sucumbiria em circunstâncias normais.

— Mas essas não são circunstâncias normais — comentou ele, e tirou uma foto de sua parceira junto à mesa de trabalho.

Com o clarão do flash, Marina levantou os olhos de um saurá-de-pescoço-preto, um pássaro do tamanho de um polegar que vivia em uma porção de lama em formato de cone, pregado na ponta de uma folha.

— É uma quantidade inacreditável de pássaros. — Ela examinou cada foto cuidadosamente, maravilhada com o esplendor da biodiversidade. Quando viu as araras-azuis, por um segundo experimentou certa tristeza por não ser ela a escolhida pelo Sr. Fox para a tarefa. Foi um pensamento único e ridículo. — Você vai estar ocupado demais com os pássaros para conseguir tempo para falar com a Dra. Swenson.

— Acho que vou descobrir uma porção de pássaros antes de encontrar a Dra. Swenson, e, depois que isso acontecer, duvido que ela vá fazer as malas no mesmo dia e correr para a Johns Hopkins. Essas coisas exigem sutileza. O próprio Sr. Fox disse isso, o que me deixa com muitas horas do dia livres.

Encontrar a Dra. Swenson era um problema. Eles tinham um endereço em Manaus, mas aparentemente não ficava nem um pouco perto do local onde ela estava desenvolvendo sua pesquisa. Ela acreditava que a localização dessa área tinha de ser protegida e mantida no maior sigilo a fim de preservar tanto a natureza pura dos sujeitos da pesquisa quanto o valor das drogas que ela desenvolvia. Ela defendeu isso com tanta convicção que nem o Sr. Fox sabia sua exata localização, exceto que estava próximo a um afluente do rio Negro. A que distância de Manaus esse afluente se iniciava e em que direção ele corria, ninguém sabia dizer. Pior que isso era a sensação de que encontrá-la seria a parte fácil da tarefa. Marina olhou fixamente para Anders e ele ergueu a câmera novamente.

— Pare com isso — disse ela, tapando a lente da câmera com a mão. — E se você não conseguir trazer a Dra. Swenson de volta de jeito nenhum?

— É claro que vou conseguir — falou Anders. — Ela gostou de mim. Por que você acha que o Sr. Fox me escolheu para ir até lá?

Era possível que a Dra. Swenson tivesse gostado dele no dia em que ela passara na sede da Vogel, sete anos antes, quando se reunira em volta de uma mesa de conferências com Anders e mais quatro médicos e cinco executivos

que compunham o Grupo de Avaliação de Probabilidades, para discutirem o orçamento preliminar para o desenvolvimento de um programa no Brasil. Marina podia dizer-lhe que a Dra. Swenson não fazia ideia de quem ele era, mas para quê? Certamente ele sabia disso.

O Sr. Fox não conhecia Karen Eckman. Ele a encontrara em festas da empresa, mas disse a Marina que não conseguia se lembrar do rosto dela, fato que agora parecia imperdoável à luz do que acontecera. Marina percebeu o olhar de gratidão dele quando ela pegou o casaco pendurado no cabide perto da porta; nunca deixaria que ele fosse sozinho. A tarefa era digna de capelães militares, policiais, indivíduos que sabiam algo a respeito de como bater nas portas das famílias para dar notícias que fariam cair o mundo das pessoas que moravam na casa. *Anders faleceu.*

— Ela vai ficar contente por você estar lá — disse o Sr. Fox.

— Contente não é bem a palavra — emendou Marina.

Marina acompanhava o Sr. Fox para ajudá-lo e também como sinal de respeito pelo amigo falecido. Porém, não tinha a ilusão de ser a pessoa que Karen Eckman escolheria para receber a notícia. É verdade que ela conhecia Karen, mas apenas tão bem quanto uma mulher de 42 anos sem filhos pode conhecer uma de 43 com três filhos, e assim como qualquer mulher solteira que trabalha com um homem pode conhecer a esposa dele, que fica em casa. Marina compreendia por que Karen insistira em conhecê-la mesmo que não desconfiasse dela conscientemente. Karen costumava bater papo quando Marina atendia ao telefone no laboratório. Ela a convidara para seu *open house*, no Natal e para o churrasco do Dia da Independência, quando servira chá a Marina, fizera perguntas interessadas sobre a pesquisa de proteínas e dissera ter gostado muito dos sapatos dela, um par de sapatilhas de cetim amarelo, vagamente exóticas, que uma prima enviara de Calcutá alguns anos antes, sapatos que ela mesma adorava e guardava para ocasiões especiais. Quando Marina, por sua vez, indagou sobre os meninos, o que eles estavam fazendo na escola, se iam acampar ou não, Karen deu respostas curtas, sem entrar em muitos detalhes. Não era o tipo de mãe que bombardearia a educada colega do marido com conversas intermináveis sobre reuniões de escoteiros. Marina sabia que Karen não tinha medo dela. Afinal de contas, Marina era extremamente alta e ossuda, com olhos impenetráveis e densos cabelos negros, que a deixavam muito longe de parecer sueca; o que se passava era simplesmente que Karen não queria que

Marina a esquecesse. E Marina não se esquecia dela, mas, como o que importava entre elas nunca era mencionado, ela nunca tivera a oportunidade de se defender contra aquilo de que nunca fora acusada e sobre o que não tinha culpa alguma. Marina não era o tipo de mulher que se apaixonaria pelo marido de outra, muito menos do tipo que invadiria a casa no meio da noite para roubar o anel de noivado que pertencera à avó, o laptop, a criança. Na verdade, na última festa de Natal, após dois copos de ponche, ela sentiu muita vontade de encostar em Karen na cozinha, colocar os braços em seus pequenos ombros, inclinar a cabeça quase tocando a da outra. E quis sussurrar no ouvido de Karen “Estou apaixonada pelo Sr. Fox”, só para ver os olhos azul-claros da outra se arregalarem num misto de prazer e surpresa. Como ela desejava agora ter ficado bêbada o suficiente naquele dia a ponto de fazer a confidência. Se houvesse feito isso, Marina Singh e Karen Eckman teriam se tornado realmente grandes amigas.

Do lado de fora, a neve tinha caído em grandes porções, o bastante para enterrar qualquer folha da grama nova da primavera. Os crocos que ela vira ainda naquela manhã, com as pontas amarelas e roxas se erguendo da sujeira, agora estavam congelados e sólidos como carpas num lago. Os pequenos brotos de olaias compunham prateleiras pesadas de neve. O Sr. Fox e Marina avançaram pela neve parcialmente derretida e escorregadia sem pensar que, pela primeira vez desde que iniciaram seu relacionamento, estavam deixando o prédio juntos. Completaram o longo caminho do quadrante sul do campus da Vogel para o estacionamento, a quase quatrocentos metros de distância. Marina não levava as botas de neve. Não estava nevando quando ela saía para trabalhar.

— Vou lhe contar outra coisa — disse o Sr. Fox quando entraram no carro, a neve sendo removida pelo limpador de para-brisa e o sistema de descongelamento ligado no nível máximo. — Nunca pensei que ele ficaria fora tanto tempo. Quando ele partiu, avisei que podia demorar o tempo que fosse necessário, que resolvesse tudo por lá, mas achei que não fosse levar mais de duas semanas.

— Ele custou muito a encontrar a Dra. Swenson, e isso atrapalhou a programação dele desde o início.

Anders partira no dia seguinte ao Natal. A empresa queria que ele fosse antes, mas o Natal era inegociável para os Eckman. Marina havia mostrado ao Sr. Fox as poucas cartas que recebera de Anders, já que não guardavam nenhum segredo. Ele quase só mencionara Manaus e depois as excursões que fizera à selva, com um guia, para observar os pássaros. Para ela, Anders quase

só falara da chuva. Se o Sr. Fox também havia recebido cartas de Anders, e Marina tinha certeza de que sim, nunca as mencionara.

— Duas semanas, então. Não três meses. Eu teria dito a ele para voltar...

— Você não tinha como falar com ele.

— Exatamente. — O Sr. Fox deixou os olhos vagarem pela paisagem branca que surgia entre os limpadores de para-brisa. — Eu disse a ele que havia uma mensagem a ser entregue à Dra. Swenson e que, logo que ele fizesse isso, devia entrar em um avião, mesmo que ela não o acompanhasse. Era a única tarefa que ele tinha.

— Jamais seria tão fácil assim — comentou Marina, tanto para si mesma quanto para ele.

Ninguém acreditava seriamente que dizer à Dra. Swenson que ela precisava levar sua pesquisa de volta a Minnesota resultaria efetivamente em fazê-la empacotar seu laboratório inteiro e retornar; nem Anders, nem o Sr. Fox, nem Marina. Na realidade, não era essencial que ela voltasse. Se ela quisesse reabrir canais de comunicação, provar que a droga estava quase pronta, deixar a empresa instalar uma equipe de médicos para fornecer relatórios precisos e regulares do progresso da droga, a Vogel a deixaria em sua estação de pesquisa durante anos, liberaria verbas à vontade. Contudo, agora Anders estava morto e a noção de sucesso se reduzia a uma doentia insensatez. Simplesmente pensar na Dra. Swenson fazia Marina ter a sensação de uma mão fria apertando seu coração. Ela se via voltando no tempo, quinze anos antes, ao salão de conferências da Johns Hopkins, num assento seguro no corredor de uma fileira do meio, e de lá estar a Dra. Swenson, andando lentamente em frente ao tablado, falando sobre o colo do útero, *o colo do útero*, com tanta intensidade que ninguém tinha coragem sequer de olhar para o relógio. Nenhum dos cem alunos da turma iria sugerir que a aula estava se alongando, que deveria terminar e dar lugar às próximas. Ainda que fosse uma residente do segundo ano, Marina assistia à palestra para os estudantes de medicina do terceiro, porque a Dra. Swenson tinha deixado claro tanto para os residentes quanto para os alunos que, quando ela falava, eles tinham de prestar atenção. Marina não sonharia em perder uma aula ou sair da sala por uma questão tão irrelevante quanto o tempo. Ela permanecia presa a seu lugar enquanto as transparências de células atípicas projetadas na parede passavam com tanta rapidez diante dela que quase compunham um filme. A Dra. Swenson sabia tudo o que Marina precisava saber, tinha respostas às indagações que ela ainda nem havia formulado em sua mente. Uma mulher peque-

na, ainda menor pela distância, que fazia cem pessoas ficarem grudadas em seus lugares com uma voz cujo tom nunca se dava o trabalho de elevar. E, como todos tinham medo dela e medo de perder qualquer palavra que ela pudesse dizer, ficavam ali pelo tempo que ela decidisse. Marina acreditava que toda a sala existia enquanto ela existisse, numa interseção de terror e exaltação, uma sensação que deixava a mente em alerta máximo. Sua mão passava página após página enquanto anotava cada sílaba que a Dra. Swenson pronunciava. Foi naquela aula que Marina aprendeu a fazer anotações como um taquígrafo, uma habilidade que lhe seria útil por toda a sua vida.

Ela ficou impressionada com a maneira como, após todos esses anos, ainda se recordava da Dra. Swenson na sala de aula. Em sua mente, nunca a via em uma cirurgia ou dando um plantão, mas a uma distância física segura.

Karen e Anders Eckman moravam em uma rua sem saída onde os vizinhos dirigiam vagarosamente sabendo que algum garoto poderia aparecer descendo a ladeira em um trenó ou disparar de entre os arbustos em uma bicicleta.

— É aquela ali. — Marina apontou para os tijolos vermelhos, e o Sr. Fox estacionou o carro junto ao meio-fio. Marina e Anders provavelmente tinham um salário parecido. Eles nunca haviam conversado sobre isso, mas realizavam o mesmo trabalho. Anders tinha alguns anos a mais que Marina na empresa; talvez ganhasse um pouco mais. Porém, a casa de Marina, que era bem pequena e, ainda assim, grande demais para ela, já estava totalmente quitada. Ela contribuía regularmente para ações de caridade e deixava o restante do dinheiro no banco, enquanto Anders tinha gastos com o financiamento da casa, aulas de piano, tratamentos dentários, acampamentos de verão, contas relativas a educação. Como ele conseguia, com mulher e três filhos, e quem pagaria essas despesas agora que estava morto? Durante alguns minutos, ela ficou sentada no carro, imaginando as várias festas de aniversário, comemorações de Natal, infinitas imagens dos meninos com os presentes, laços, fitas e papel de embrulho rasgados em pilhas de vermelho, verde e prateado, até que finalmente a neve espalhou um manto sobre o para-brisa e encobriu a vista.

— Mas que surpresa! — disse Karen Eckman ao abrir a porta, as mãos segurando a guia com enforcador de um imenso golden retriever; ela era uma mulher miúda e aquela não parecia uma batalha que pudesse ganhar. — Não! — gritou. — Senta! — Ela usava um gorro de tricô branco que cobria as orelhas e seu casaco estava logo atrás dela, jogado sobre uma cadeira no hall de

entrada. Marina não se lembrava do nome do cachorro, embora houvesse uma foto dele na mesa de Anders junto às de Karen e dos meninos. O cão empurrou a cabeça quadrada contra os quadris de Karen e deu dois latidos secos diante da inesperada sorte de ter convidados no meio do dia.

— Você está de saída — falou o Sr. Fox, como se isso talvez significasse que eles também deveriam sair.

Karen balançou a cabeça.

— Não, não, tudo bem. Tenho tempo de sobra. Eu ia dar um pulo no mercado antes de buscar os meninos da escola, mas posso deixar para mais tarde. Entrem. Está um frio congelante. — O cão arremeteu para a frente quando eles entraram, esperando uma oportunidade de pular, mas Karen, que tinha no máximo uns dez quilos a mais do que o animal, conseguiu arrastá-lo para o lado. — Para trás, Pickles — ordenou. — Senta!

Pickles não se sentou e, quando o soltou, Karen esfregou as mãos para aliviar as marcas que a guia havia deixado. Na cozinha, tudo estava em perfeita ordem: não havia uma única xícara na pia, um único brinquedo no chão. Marina já estivera ali antes, mas apenas em festas, quando todos os cômodos e corredores estavam repletos de pessoas. Com a casa vazia, ela podia ver como era grande. Seriam necessárias muitas crianças para preencher todo aquele espaço.

— Aceitam um café? — Karen perguntou.

Marina se virou para dirigir a pergunta ao Sr. Fox e descobriu que ele estava exatamente atrás dela. Ele não era mais alto do que ela, e até ria disso quando estavam sozinhos.

— Não, obrigada — recusou Marina.

O dia não estava muito claro, mas o pouco de luz que havia era refletido pela neve e lançava uma ampla faixa prateada na mesa da cozinha. Através da grande janela, Marina viu um parquinho numa parte mais alta do quintal, um castelo rústico com neve acumulada no telhado inclinado. Pickles se encostou em Marina e, com a cabeça, deu batidinhas na mão dela, até que ela se inclinasse para afagar o pelo macio de suas orelhas.

— Posso prender Pickles — disse Karen. — Ele é muito espaçoso!

Pickles olhou para ela, a visão embaçada com o êxtase do afago nas orelhas.

— Gosto de cachorros — falou Marina, pensando que era vital que ele estivesse presente. O cão faria o papel de um sacerdote. O papel da mãe de Karen, da irmã, de qualquer pessoa que ela escolhesse para estar perto quando tudo desabasse. O cachorro faria o papel de Anders.

Ela se virou e fitou o Sr. Fox novamente. Cada segundo que eles passavam na casa sem dizer o que tinha acontecido era uma mentira. Mas o Sr. Fox tinha se voltado para a geladeira. Ele observava as fotos dos meninos: os dois menores com cabelo louro pálido; o maior, um pouquinho menos louro. Reparou em uma foto de Anders abraçando a mulher e, nessa imagem, eles não pareciam muito mais velhos do que as crianças. Havia fotos de pássaros, também, um grupo de tetrazes da pradaria no campo, um pássaro de um azul tão vibrante que parecia editado no Photoshop. Anders tinha muitas fotos de pássaros.

Karen tirou o gorro e colocou os cabelos lisos e louros atrás das orelhas. O rubor das bochechas por causa do frio já havia desaparecido.

— As notícias não são boas, não é? — disse, girando os anéis no dedo, um de brilhante modesto e a aliança de platina. — Estou contente em vê-los, mas imagino que não tenham passado só para dar um “oi”.

Por um milésimo de segundo Marina sentiu uma ligeira sensação de alívio. É claro que ela já sabia. Mesmo que ainda não tivesse sido avisada, ela saberia em seu íntimo. Marina queria muito abraçar Karen e depois dar os pêsames. Pelo menos, estava pronta para isso. Em sua garganta ardiam as palavras para exprimir sua solidariedade.

— Não são boas notícias — confirmou Marina, ouvindo o embaraço na própria voz.

Esse era o momento em que o Sr. Fox contaria a história, para explicar de uma forma que nem mesmo Marina entenderia; mas nada aconteceu. O Sr. Fox continuou a fitar as fotos na geladeira. Tinha voltado as costas para as duas, os braços para trás, a cabeça inclinada para a imagem de uma mobelha-grande.

Karen levantou os olhos e balançou ligeiramente a cabeça.

— As cartas estão loucas — disse. — Recebo duas em um dia e depois mais nada durante uma semana. E não obedecem a ordem alguma. Recebi uma carta uns dois dias atrás sem data, mas deve ser bem recente. Ele parecia meio fora de si. É certo que está me escrevendo menos agora. Acho que não quer me dizer que tem de ficar mais tempo.

— Karen, escute.

Pickles ergueu a cabeça, como se “escute” fosse um comando. Sentou-se.

— Não é trabalho para dele — continuou Karen e, enquanto olhava para Marina, apontava para as costas do Sr. Fox. — Ele não gosta da selva. Quer dizer, ele diz que os pássaros são espetaculares, mas o resto está deixando Anders louco, as folhagens e as plantas. Em uma das cartas ele comentou que

parecia que elas iam sufocá-lo à noite. No local onde Anders nasceu, em Crookston, quase não havia árvores. Vocês já estiveram em Crookston? É uma pradaria, mais nada. Ele sempre dizia que árvores o deixavam nervoso... ele estava brincando, mas assim mesmo... Não é a pessoa ideal para isso. Não é um tipo de mediador treinado para negociar casos difíceis. Eu compreendo por que o senhor mandou Anders. Todo mundo gosta dele. Mas, se o preço das ações da Vogel está inflacionado, então é problema da Vogel. Não é obrigação dele resolver isso. Ele não conseguiu resolver e o senhor não pode deixar que ele continue lá tentando.

Marina imaginou que Karen fazia esse discurso mentalmente toda manhã e toda noite enquanto escovava os dentes, sem imaginar que algum dia teria a oportunidade de recitá-lo para o próprio Sr. Fox.

— Ele nunca vai dizer isso ao senhor, mas, mesmo que ele não tenha conseguido trazer aquela desequilibrada, já está na hora de ele voltar para casa. Temos três filhos aqui, Sr. Fox. O senhor não espera que eles terminem o ano letivo sem o pai por perto...

Dessa vez, Marina reconheceu a sensação desde o início, as juntas se dobrando involuntariamente, e conseguiu puxar a cadeira alta no centro da cozinha. Certamente, agora era a hora de o Sr. Fox entregar a carta para Karen; então, com uma onda de tristeza, Marina se lembrou de que a carta estava no próprio bolso. Ela puxou a cadeira atrás de si.

— Sente-se, Karen — pediu. — Sente-se perto de mim.

A ocasião não lhe trouxe à mente suas próprias perdas. O que se passava na cabeça de Marina era a inerente crueldade de contar. Não importava se a notícia seria dada com gentileza, com tristeza ou compaixão; seria um baque que dividiria Karen ao meio.

— Anders? — disse Karen, e depois repetiu, mais alto, como se o marido estivesse no cômodo ao lado, como se ela tanto acreditasse quanto negasse o que acabara de saber.

Todo o frio que varria Minnesota atingiu Karen Eckman, e ela tremeu e gaguejou. Os dedos das mãos começaram a tremelicar. Ela pediu para ver a carta, mas depois se recusou a tocar aquele papel, tão fino, tão azul, meio dobrado. Pediu a Marina que lesse em voz alta.

Ela não tinha como recusar; porém, assim mesmo, por mais que tentasse editar as palavras quando saíam de sua boca, não conseguia dar-lhes um toque de solidariedade.

— Dada a nossa localização, a chuva — disse hesitantemente, deixando de fora a parte dos governos e das burocracias mesquinhas. — Preferimos enterrá-lo aqui mesmo. — Não conseguiu dizer que o enterro não tinha sido fácil. Ela devia ter lido o primeiro parágrafo, ainda que fosse tão banal. Sem ele, o que restava nem parecia uma carta. Soava mais como um telegrama lacônico.

— Ela enterrou Anders lá? — perguntou Karen. Seus pulmões se esforçavam para respirar, mas foi em vão. Não havia ar na cozinha. — Meu Deus, o que você está me dizendo? Ele já está debaixo da terra?

— Karen, diga o nome de alguém para quem eu possa ligar. Alguém precisa vir ficar com você. — Marina tentou pegar as mãos de Karen, mas ela as retirou.

— Tire Anders de lá! Você não pode deixar que ele fique naquele lugar. Ele não vai ficar lá.

Era o momento de prometer qualquer coisa, mas, por mais que se esforçasse, Marina não conseguia encontrar uma única frase de consolo.

— Não tenho como trazer Anders — falou Marina, e era uma confissão terrível, porque agora ela podia ver claramente a lama e as folhas, o solo se fechando com a chuva, os brotos de vegetação e de relva espessa crescendo até que fosse impossível encontrar o local onde ele fora enterrado. Ela podia sentir o pânico sufocante de Anders com toda aquela vegetação e o mesmo pânico se apossou dela. — Não sei como fazer isso. Karen, olhe para mim, você tem de me dizer para quem eu devo ligar. Você precisa me deixar chamar alguém.

Karen, porém, não entendia, não conseguia ouvir ou não se importava em tornar as coisas mais fáceis para Marina. As duas estavam sozinhas nisso. O Sr. Fox tinha se afastado do cômodo por causa do barulho, o lamento desesperado de Karen Eckman. Ela escorregou da cadeira e afundou no chão para chorar agarrada ao golden retriever, demonstrando sua dor abraçada ao torso musculoso do cão, enquanto o pobre animal tremia e lambia o braço da dona. Chorou naquela posição até molhar o pelo de Pickles.

Que idiotas eles eram pensando que sabiam o que estavam fazendo! Marina tivera de dar notícias de falecimento aos familiares no hospital, quando trabalhava como residente, não com frequência, apenas se o médico assistente estivesse muito ocupado ou fosse arrogante demais para ser incomodado. Por mais que aquelas filhas, aqueles pais, irmãos e esposas houvessem chorado, por mais que tivessem se agarrado a ela, nunca fora tão difícil se desprender. Tudo o que tinha a fazer na ocasião era simplesmente erguer a cabeça e logo aparecia uma enfer-

meira que sabia como abraçar os parentes e o que dizer. Atrás dela havia listas cheias de números de telefone que tinham sido compilados com antecedência. Eram sacerdotes de qualquer religião, conselheiros de luto, grupos de apoio que se reuniam às quartas-feiras. O máximo que lhe tinham pedido era que prescrevesse uma receita de sedativo. Marina fizera o anúncio do falecimento de Anders sem pensar em nenhuma infraestrutura para o caso. E o que aconteceria com os meninos, de pé na frente da escola, com a neve se acumulando em seus ombros enquanto esperavam a mãe? Como Marina pudera se esquecer deles? Por que não tinham tentado encontrar alguém antes, uma dezena de pessoas prontas em volta de Karen enquanto ela absorvia a violência da notícia? Todas aquelas pessoas da festa de Natal, as mulheres com suéteres de rena, os homens com gravatas vermelhas, as pessoas que Marina vira rindo na cozinha poucos meses antes, recostando-se umas nas outras com seus copos de *eggnog* com uísque, todos eles eram desesperadamente necessários agora! E ainda que não tivessem sido sagazes a ponto de chamar familiares e amigos, será que pelo menos não podiam ter pensado em encher os próprios bolsos com algumas cartelas de Xanax? Não havia como esperar a situação terminar. Dar tempo ao tempo só deixaria os meninos em pânico quando um professor os levasse de volta ao prédio da escola e mandasse que esperassem lá dentro. Eles pensariam que a mãe tinha morrido; é nessa direção que vai a mente de uma criança: sempre para a perda da mãe.

Marina levantou-se do chão, embora não se lembrasse de ter sentado. Foi até o telefone, procurou uma agenda de telefones, um arquivo, qualquer coisa com números. O que encontrou foram duas cópias do *Minneapolis Star Tribune*, um bloco de anotações com uma folha em branco na frente, uma caneca de café com os dizeres “Eu amo minha biblioteca”, cheia de canetas e lápis e um pedaço de papel preso em um quadro de cortiça no qual estava escrito “Telefones de emergência para babá”: o celular de Karen, o celular de Anders, o número do escritório de Anders, do centro de controle de venenos, da ambulância, do Dr. Johnson, de Linn Hilder. Essa deve ser a sensação que se tem quando a casa está no meio de um incêndio, pensou Marina. É por isso que punham um número tão fácil quanto 911 para chamadas de emergência que certamente virão, porque, quando as chamadas avançam depressa, atingindo cortinas e indo na direção de alguém pelo piso de madeira, a pessoa não vai se lembrar de qualquer número de telefone. Mesmo que quisesse muito ajudar a mulher de seu querido amigo, Marina também queria sair daquela

casa. Pegou o telefone e discou o número no final da lista. Precisou sair da cozinha com o telefone para falar com a mulher do outro lado da linha. Linn Hilder era a vizinha da rua de baixo cujos filhos eram amigos dos meninos Eckman. Nossa, menos de vinte minutos antes Linn Hilder pusera a cabeça para fora da janela do carro e oferecera carona aos meninos e eles tinham dito que “não, Sra. Hilder, mamãe está chegando”. Linn Hilder agora chorava tão convulsivamente quanto Karen.

— Ligue para alguém — pediu Marina em voz baixa. — Chame qualquer pessoa que venha à sua mente e a mande vir para cá, por favor. Ligue para a escola. Vá até lá e busque os meninos.

Quando voltou para a cozinha, viu que Pickles estava deitado no chão à direita da dona, com a cabeça encharcada descansando no colo da esposa de Eckman; à esquerda de Karen, estava o Sr. Fox, que milagrosamente tinha se aproximado na breve ausência de Marina. Ele afagava a cabeça da viúva em um ritmo lento e reconfortante.

— Está tudo bem — dizia com voz calma. — Tudo vai ficar bem.

Ela repousava a cabeça no peito dele e as lágrimas tinham escurecido as riscas da gravata antes azuis, agora pretas. E, embora nada estivesse bem, longe disso, ela parecia capaz de ouvir a repetição das palavras e tentava manter um ritmo regular de respiração.

Marina e o Sr. Fox deixaram a casa uma hora mais tarde, depois de a mãe de Karen ser localizada, depois de sua irmã chegar com o marido, trazendo a notícia de que o irmão viria de Iowa, depois de Linn Hilder ter buscado os meninos na escola e os levado para a própria casa até que alguém imaginasse uma maneira sensata para lhes dar a notícia. Desde que o Sr. Fox aparecera na porta do laboratório com o envelope azul na mão, em momento algum ocorreu a Marina que poderia haver um sentimento de culpa relacionado à morte de Anders. Aquilo fora um acidente, da mesma forma que ser puxado pela correnteza do rio Amazonas teria sido um acidente. Contudo, ao caminharem e sentirem o golpe do vento gélido, tendo apenas Pickles acompanhando-os até a rua, ela começou a imaginar se as pessoas lá dentro consideravam o Sr. Fox responsável. Os dias ainda eram curtos e o sol já estava baixo. Certamente, se não fosse pelo Sr. Fox, os meninos Eckman estariam fazendo o dever de casa ou construindo um boneco de neve no quintal. Anders estaria olhando o relógio em seu laboratório, dizendo que sentia fome, seu corpo já se encami-

nhando para a porta em seu mundo real e próspero. Ela pensou que, mesmo que Karen Eckman e seus familiares e amigos não culpassem o Sr. Fox na pior hora do luto, a culpa ainda poderia surgir mais tarde, depois que o tempo e o sono tornassem seus pensamentos mais claros. Ela certamente o culpava por tê-la deixado sozinha no momento de dar a notícia a Karen e por não ampará-la enquanto ela cuidadosamente se dirigia, pelo caminho ainda cheio de neve, até o carro. Será que o culpava por enviar Anders para morrer no Brasil? Ela estava se esforçando para abrir a maçaneta da porta do carona, que estava quase congelada, enquanto o Sr. Fox entrava rapidamente no lado do motorista. Ela limpou a neve da janela com a mão e bateu com os nós dos dedos no vidro. Ele estivera olhando fixamente para a frente e agora se virava na direção dela, parecendo surpreso ao vê-la, como se tivesse se esquecido de que não chegara sozinho. Inclinou-se e abriu a porta do carona.

Marina se jogou no assento de couro exatamente da mesma maneira como se teria deixado cair no piso em frente à casa, se fosse obrigada a esperar mais um minuto.

— Só me leve de volta até meu carro — disse Marina.

Suas mãos tremiam, e ela as prendeu entre os joelhos. Tinha passado a maior parte da vida em Minnesota e nunca sentira tanto frio como agora. Tudo o que mais queria no mundo era ir para casa e se enfiar em uma banheira de água quente.

Parara de nevar, mas o céu sobre a pradaria estava pesado e cinzento. A rodovia interestadual, quando a alcançaram, não passava de uma faixa batida de asfalto de onde se acabara de retirar a neve entre duas extensões brancas niveladas. O Sr. Fox não levou Marina para o estacionamento, mas se dirigiu a St. Paul e, uma vez lá, foi para um restaurante onde, no passado, eles tinham tido a incrível sorte de não esbarrarem com algum conhecido. Ela notou para onde iam e não disse nada. Conseguia entender, de algum modo obscuro, que, depois de passarem por tudo aquilo, era melhor que ficassem juntos. Já eram quase seis horas quando se acomodaram em um reservado na parte de trás do salão. Logo que pediu uma taça de vinho tinto, Marina percebeu que queria a bebida ainda mais do que o banho. A garçonete trouxe duas taças e colocou-as lado a lado à sua frente, como se ela estivesse esperando um amigo. Para o Sr. Fox, trouxe dois copos de *scotch* com muitas pedras de gelo.

— Dose dupla no happy hour — disse a garçonete sem mostrar sinais de estar particularmente alegre. — Aproveitem.

Marina esperou que a mulher se afastasse e então, sem preâmbulos, repetiu para o Sr. Fox a única frase do monólogo de Karen que ficara grudada em sua mente de forma tão clara que todas as outras começaram a se misturar.

— Se o preço das ações da Vogel está inflacionado, então é problema da Vogel.

Ele a fitou com o que talvez se possa chamar de um sorriso pálido — só que não era realmente um sorriso.

— Não me lembro de já ter ficado tão cansado quanto hoje.

Ela concordou com a cabeça. Esperou. Por um bom tempo, ele esperou também.

— Você sabe que o preço das ações *está* alto — disse ele finalmente.

— Sei disso. O que não sei é por que está alto ou o que isso tem a ver com Anders.

O Sr. Fox esvaziou o primeiro copo com facilidade e depois pousou os dedos levemente nas bordas do segundo. Ele faria 61 anos dentro de um mês, mas os acontecimentos do dia o tinham colocado seguramente além dessa idade. Na tênue luz do lustre pendurado a uma altura baixa, com uma cúpula Tiffany falsa, ele aparentava ter 70. Sentava-se encurvado, os ombros contraídos, e os óculos tinham criado um pequeno sulco vermelho na parte superior do nariz. A boca, que em outros tempos fora generosa e agradável, agora cortava seu rosto com uma única linha estreita. Marina trabalhava na Vogel havia mais de seis anos antes de eles irem àquele restaurante pela primeira vez. Era muito tempo pensando no Sr. Fox como seu patrão, seu superior. Nos últimos sete meses, eles estavam tentando redefinir o relacionamento.

— O problema é o seguinte — disse ele com uma voz sombria. — Já há algum tempo surgiu uma... — Ele hesitou, como se o frio, a exaustão e o *scotch* combinados tivessem roubado a exata palavra que ele buscava. — Surgiu uma situação delicada no Brasil. Não que fosse uma situação que Anders pudesse resolver. Não pensei que ele fosse conseguir isso, mas achei, sim, que ele traria uma quantidade de informações suficiente para eu mesmo poder lidar com ela. Eu via Anders como a pessoa que faria as coisas andarem. Ele explicaria à Dra. Swenson como era crucial que ela concluísse a pesquisa e passasse diretamente, com ajuda de outros cientistas, para a fase de desenvolvimento da droga. Depois ele me esclareceria, com base no que teria visto lá, que tipo de planejamento razoável poderíamos esperar. O fato de Anders ter morrido no meio de toda essa situação é terrível, nem preciso lhe dizer isso, mas a morte dele... — nesse momento, o Sr. Fox fez uma pausa para refletir sobre as próprias palavras e tomar mais um gole do segundo copo — ... a morte dele não altera o problema.

— E o problema é que essa droga, que há pelo menos um ano você diz que está prestes a ser enviada para análise do FDA, não existe? Não é que a Dra. Swenson não esteja trazendo a droga do Brasil. Você está dizendo que não há nada para trazer.

O Sr. Fox era velho demais para Marina. Era cinco anos mais novo que a mãe dela, fato este que a mãe seria a primeira a ressaltar se Marina estivesse propensa a lhe contar sobre o relacionamento.

— Não sei se é assim. O motivo da viagem era exatamente esse. Precisávamos de mais informações.

— Então, você mandou Anders em uma espécie de missão de reconhecimento? Anders Eckman? Qual é a qualificação dele para isso?

— Era para ele ser o nosso embaixador. Ele não estava escondendo nada, não havia nada a ser escondido. A missão dele era explicar à Dra. Swenson a importância que havia em ela concluir sua parte no projeto. Desde que foi para lá, ela se desligou de... — O Sr. Fox parou e balançou a cabeça. A lista era comprida demais. — Tudo. Não tenho certeza de que ela entende o conceito de tempo.

— Quando foi a última vez que você teve notícias dela?

— Sem contar a carta de hoje? — Ele se deteve como se calculasse o tempo, mas Marina suspeitou que estivesse apenas protelando a resposta. — Vinte e seis meses.

— Nada? Há mais de dois anos você não tem qualquer notícia? Como é possível?

O que Marina queria dizer era como era possível que ele tivesse deixado a situação chegar a tal ponto, mas não foi assim que ele interpretou a pergunta.

— Parece que a Dra. Swenson não acha que deva prestar contas às pessoas que financiam o trabalho dela. Eu lhe dei uma liberdade de ação tal que seria objeto de risada em qualquer outra empresa farmacêutica. Foi por isso que ela concordou em vir trabalhar para nós. O dinheiro é depositado mensalmente em uma conta no Rio de Janeiro, conforme nosso acordo original. Financiei a construção de uma estação de pesquisa que nem sei onde fica. Enviamos todo o material em uma barçaça, refrigeradores e paredes de latão, telhados e portas, mais geradores do que você pode imaginar. Mandamos tudo o que era necessário para montar um laboratório em condições de operar integralmente, e ela recebeu a barçaça em Manaus, subiu a bordo e a levou ela mesma rio abaixo. Nenhum dos operários conseguiu lembrar em que local eles haviam descarregado o material.

— Se Anders encontrou a estação, então não é impossível encontrá-la.

A Dra. Swenson nunca pensaria em prestar contas para a Vogel, muito menos em pensar que trabalhava para eles. Ela seria capaz de desenvolver uma droga com o propósito de satisfazer a sua própria curiosidade ou o interesse da ciência, mas jamais passaria por sua cabeça que o trabalho pertencia às pessoas que assinavam os cheques. Qualquer um que tivesse passado uma hora com ela, de maneira atenta, teria percebido isso.

— Então, ponha um ponto final. Corte as verbas e espere ela aparecer.

O Sr. Fox, que estivera segurando o copo de *scotch* quase cheio dois centímetros acima da mesa, pousou-o. Seu olhar indicava que Marina não estava entendendo nada.

— O projeto tem de ser concluído, não abandonado.

— Então, não abandone. — Marina fechou os olhos. Ela queria mergulhar no vinho tinto, nadar nele. — A verdade é que não quero mais falar da Dra. Swenson ou da Vogel ou do desenvolvimento de uma droga. Sei que eu puxei o assunto, mas foi um erro. Vamos dedicar o dia a Anders.

— Você está absolutamente certa — falou o Sr. Fox em um tom sem concessões. — Não é a hora de falar sobre isso, nem amanhã, nem depois de amanhã. Mas já que o dia é dedicado a Anders, vou lhe dizer o seguinte: se encontrarmos a Dra. Swenson, não apenas vamos ter a oportunidade de resolver os problemas da Vogel, como também poderemos ter respostas para algumas perguntas sobre a morte de Anders.

— Que perguntas?

— Acredite em mim — disse ele —, vai haver perguntas.

Marina imaginou então se ele também sentia algo mais, se acabaria se sentindo culpado.

— Você não vai para o Brasil — disse ela.

— Não — concordou ele.

Era aquela luz horrível que fazia com que ele parecesse tão velho, o *scotch* e a atmosfera pesada do dia. Ela queria que eles saíssem agora e, quando retornassem para Eden Prairie, ela o levaria até sua casa. Ela o culpava à toa. Debruçou-se por cima da mesa, naquele canto escuro e recuado do restaurante, e lhe tomou a mão.

— O presidente da empresa não deve partir para o Brasil.

— A Amazônia não é inerentemente perigosa. É uma questão de precaução e bom senso.

— Sei que você está certo, mas isso não significa que você deva ir.

— Não vou, prometo. Annick Swenson não vai me ouvir mesmo. Percebo agora que ela nunca me ouviu, nem nas reuniões, nem nas cartas de autorização, nem nos contratos. Eu escrevo com frequência desde que ela partiu...e não houve qualquer e-mail, nenhuma mensagem de texto, ela não faz nada disso. Eu me sento e coloco tudo no papel. Deixei muito claras quais eram as obrigações dela e qual era o nosso comprometimento com o projeto. Mas não há indícios de que ela leia minhas cartas.

— Então, o que você precisa é encontrar alguém que ela escute.

— Exatamente. Não pensei nisso quando mandei Anders. Ele era amável e inteligente e parecia querer ir, o que contou muito na decisão. Só achei que precisava ser alguém da Vogel, alguém que não fosse eu.

Ah, Anders! Ser enviado em uma missão para a qual você não servia. Ser visto, após sua morte, como um erro de julgamento.

— Então, agora, encontre a pessoa certa.

— Você — disse ele.

Marina sentiu um leve choque na mão que ele segurava, como se algum objeto pontudo houvesse penetrado em Fox rapidamente e a atingido. Ela retirou sua mão e a esfregou com força.

— Ela conhece você — continuou ele. — Vai ouvi-la. Eu deveria ter pedido para você ir desde o início. Você era a escolhida do conselho, e eu argumentei contra. Disse aos outros que eu havia pedido para você ir e você tinha recusado. Foi egoísmo da minha parte. Esse tempo que estamos passando juntos... — Ele ergueu o olhar para ela, mas a sensação foi insuportável para ambos e ele baixou os olhos novamente — ... tem sido importante para mim. Eu não queria que você fosse para longe. Foi culpa minha, Marina, enviar Anders em vez de você, porque você teria cumprido a tarefa.

— Mas ele *morreu* — falou ela. Não queria fazer o tempo voltar e escolher entre Anders e ela mesma, pensar qual dos dois era mais descartável no grande esquema da vida. Marina tinha a certeza de saber a resposta. — Você preferiria que tivesse sido eu?

— Você não teria morrido. — Ele estava completamente convencido disso. — Não importa o que Anders fez, foi negligente. Ele não foi mordido por um crocodilo. Ele teve uma febre, ficou doente. Se você tivesse ficado doente, você teria o bom senso de entrar em um avião e voltar para casa.

Marina não aprovou a sugestão da culpa de Anders. A situação já estava suficientemente ruim com o colega morto sem que ele fosse culpado por isso.

— Vamos deixar o pobre Anders fora da história por um minuto, se possível. — Ela tentava ater-se à lógica. — A falha no seu argumento é que você acha que eu conheço a Dra. Swenson. Não a vejo há uns... — Marina parou, fazia tanto tempo assim? — Treze anos. Conheço as teorias dela sobre endocrinologia reprodutiva e, até certo ponto, cirurgia ginecológica, mas não sei o que ela pensa atualmente sobre isso, e sim o que ela pensava treze anos atrás. Eu não a conheço. E, se acha que ela me conhece, você está enganado. Ela não me conhecia naquela época e não há motivos para pensar que me conheça agora, de repente. Ela não sabe meu nome, meu rosto, minhas notas.

Será que a Dra. Swenson a conhecia? Marina a vira levantar os olhos para as pessoas na sala de aula, observar os rostos de todos os alunos, todos os residentes, ano após ano após ano. Havia centenas de alunos em uma única sala e, com o passar dos anos, o número rapidamente chegou aos milhares; mas por um curto espaço de tempo a Dra. Swenson chegou a conhecer Marina Singh.

— Você se subestima.

Marina balançou a cabeça.

— Você superestima a Dra. Swenson. E a mim. Seríamos estranhas uma para a outra. — Era uma meia-verdade. Era verdade só em um sentido.

— Você era aluna dela, uma aluna brilhante que foi bem-sucedida no mesmo campo. É uma conexão. A conexão que você tem com ela é maior do que a de qualquer outra pessoa.

— A não ser pelo padrão dela.

Ele levantou as sobrancelhas, mas não o bastante para fingir surpresa.

— Agora você acha que eu devo ir?

— Será que somos as duas únicas pessoas disponíveis para essa missão? Acho que nem eu nem você devemos ir. — Ela agora compreendia Anders com clareza. Ele mostrara tudo para ela e, ainda assim, ela deixara de entender completamente do que se tratava.

— A Dra. Swenson descobriu uma aldeia de um povo da Amazônia, uma tribo — Anders tinha contado —, na qual as mulheres dão à luz até o fim da vida.

— Que curioso! — Marina estava lidando com números e escutava Anders como frequentemente fazia: sem lhe dar muita atenção.

— É óbvio que a expectativa de vida deles é mais curta do que a nossa em cerca de uma década, mas isso vale para toda a região amazônica: dieta deficiente, pouco ou nenhum cuidado médico.

— Muitos filhos.

Anders saiu de trás da mesa na cadeira de rodinhas. Com suas longas pernas e o espaço reduzido do laboratório, ele se deslocava pelo cômodo facilmente apoiando os calcanhares.

— Os óvulos dessas mulheres não envelhecem, você entendeu? O restante do corpo segue o caminho normal de decadência, ao passo que o sistema reprodutor permanece sadio. É o fim da fertilização *in vitro*. Fim das despesas, fim das inseminações que não funcionam, fim das doadoras de óvulos e das barrigas de aluguel. Trata-se de ovular eternamente, menstruar para sempre.

Marina olhou para cima.

— Quer parar com isso?

Anders colocou um grosso relatório encadernado na sua mesa: *Endocrinologia reprodutiva no povo lakashi*, da Dra. Annick Swenson.

— Suponha que você é uma farmacologista clínica trabalhando para uma grande empresa de desenvolvimento de produtos farmacêuticos. Imagine alguém oferecendo o equivalente do *Horizonte Perdido* para os ovários americanos. — Ele segurou a mão de Marina como se fosse lhe propor casamento. — Adie suas decisões de ter um filho por quanto tempo quiser. Não falamos aqui de ser mãe aos 45 anos, mas sim aos 50, 60, talvez até mais velha. Você poderá ter filhos para sempre.

Marina sentiu que as palavras apontavam diretamente para ela. Tinha 42 anos. Estava apaixonada por um homem com quem não se permitia ser vista saindo do escritório; embora não tivesse puxado esse assunto com o Sr. Fox, não era impossível pensar que eles pudessem chegar a ter um filho. Improvável, talvez, mas não fora de cogitação. Ela pegou o pesado relatório.

— Annick Swenson.

— É a pesquisadora. É uma famosa etnobotânica no Brasil.

Marina abriu o sumário.

— Ela não é etnobotânica — falou, dando uma olhada na lista de capítulos: “Início da puberdade nas mulheres lakashi”, “Taxas de natalidade em tribos comparáveis”...

Anders fitou a página que ela examinava como se a informação estivesse impressa.

— Como você sabe disso?

Marina fechou o relatório e o lançou de novo em cima da mesa. Desde o começo, ela se lembrava de não querer participar daquilo.

— Ela foi minha professora na faculdade de medicina.

Essa foi toda a conversa. O telefone tocou, alguém entrou e ficou por isso mesmo. Marina não foi chamada para participar das reuniões do conselho de revisão ou para se encontrar com a Dra. Swenson na única ocasião em que esta visitara a Vogel. Não havia qualquer motivo para que fosse chamada. Os compromissos dos membros dos conselhos de revisão eram revezados e, nesse caso específico, seu número não fora selecionado. Não havia motivo algum para o Sr. Fox ter conhecimento de sua ligação com a pesquisadora do povo lakashi, a menos que Anders tivesse algum dia mencionado isso.

— Afinal, como ela é? — Anders perguntou dois ou três dias antes de partir.

Marina pensou um momento. Ela visualizou a professora no tablado da sala de aula, observada a uma distância segura e confortável.

— Ela era uma professora de medicina à moda antiga.

— Do tipo lendário? Um suicídio a cada aula?

Anders examinava seu livro de pássaros na hora, tão distraído com os detalhes que nem reparou na expressão de Marina. Ela se pegou evitando fazer uma piada com algo que não tinha um pinga de graça e ao mesmo tempo tentando não oferecer qualquer brecha, por menor que fosse, que pudesse levar a uma conversa significativa. Então respondeu apenas “Isso.”

No fim, nem Marina nem o Sr. Fox conseguiram enfrentar um jantar. Terminaram as bebidas, as duas de cada um, e retornaram ao estacionamento da Vogel, onde Marina pegou o próprio carro e partiu para casa. Não houve mais discussão, nenhum plano para a Amazônia ou para aquela noite. Tanto um quanto outro estavam certos de que a melhor resposta seria irem para a cama juntos, se abraçarem noite adentro como uma forma de desviar a ideia da morte, mas ali, no estacionamento, eles se afastaram naturalmente, ambos cansados demais e tão perdidos nos próprios pensamentos que não tinham como ficar juntos.

— Eu ligo para você para desejar boa-noite — disse o Sr. Fox.

Marina aquiesceu e o beijou e, quando estava em casa e na cama, depois do banho que ela tão desesperadamente desejava, ele de fato telefonou e lhe desejou boa-noite, mas apenas boa-noite, sem comentários sobre o dia. Quando o telefone tocou novamente, cinco minutos ou cinco horas depois de ela ter apagado a luz, Marina não pensou que fosse o Sr. Fox. Seu primeiro e surpreendente pensamento foi de que se tratava de Anders. Tinha algo a ver com um sonho que ela estava tendo. Anders ligava para dizer que o carro tinha quebrado na neve e que precisava que ela fosse buscá-lo.

— Marina, desculpe, acordei você.

Era uma voz de mulher e então ela percebeu que era a voz de Karen. Marina remexeu-se para arrumar a camisola que se enroscara em volta de sua cintura.

— Tudo bem.

— O Dr. Johnson me deu umas pílulas para dormir, mas não fizeram efeito.

— Às vezes isso acontece — disse Marina. Ela pegou o pequeno relógio na mesa de cabeceira e viu os minúsculos ponteiros verdes brilhando no escuro, 3h25.

— Fizeram efeito para os outros. Todo mundo na casa está dormindo profundamente.

— Quer que eu vá até aí? — Ela podia voltar agora e se sentar no chão da cozinha com Karen e Pickles. Podia se deitar no lado de Anders da cama e segurar a mão de Karen no escuro até que ela adormecesse. Dessa vez ela estaria pronta e saberia o que fazer.

— Não, não precisa. Minha família está aqui, ainda que estejam todos dormindo. É que fiquei pensando sobre tudo, sabe? É óbvio que fiquei pensando nisso. — Sua voz estava extraordinariamente calma no outro lado da linha.

— Claro.

— E tenho uma porção de perguntas agora.

— É claro — falou Marina, incapaz de pensar em uma única pergunta a que fosse capaz de responder.

— Bom, por que ela diz na carta que está guardando o pouco que ele deixou lá para a esposa? Ela acha que vou até a Amazônia para pegar o relógio dele? — A voz de Karen vacilou um pouco, mas ela rapidamente retomou o controle. — Você não acha que ela teria enviado tudo por correio?

A máquina fotográfica, a carteira, o passaporte, o relógio de pulso, talvez os guias de viagem e algumas peças de roupa, mas ela duvidava disso. A Dra. Swenson devolveria as coisas que ela considerasse importantes, o que significa que ela poria aquilo tudo de lado e esqueceria.

— Talvez ela tenha pensado em entregar os objetos para a próxima pessoa que fosse até lá. Seria mais seguro. Imagino que um monte de coisas se perde no correio.

Ocorreu-lhe, então, que mesmo essa carta poderia perder-se, ou poderia chegar três dias antes, ou dentro de um mês. Durante quanto tempo teriam esperado passivamente por notícias de Anders enquanto levavam a própria vida adiante?

— Mas e se ela não está enviando as coisas porque ainda estão com ele?

Marina esfregou o polegar e o indicador nos cantos internos dos olhos. Ela tentava se recompor do sono massageando a parte superior do nariz.

— Desculpe, não estou entendendo.

— E se ele não estiver morto?

Marina afundou a cabeça no travesseiro.

— Ele está morto, Karen.

— Por quê? Porque recebemos uma carta de uma mulher louca que está no Brasil e com a qual ninguém consegue falar? Preciso de mais do que isso. Essa é a pior coisa que já me aconteceu. É a pior coisa que vai acontecer aos meus filhos em toda a vida deles, e sou obrigada a acreditar nas palavras de uma estranha?

Deveria haver uma equação para probabilidade e evidência. Em algum momento, a probabilidade se torna tão alta que eclipsa a necessidade de evidência, mas talvez não fosse exatamente assim no caso de se tratar do próprio marido.

— O Sr. Fox vai mandar alguém lá. Eles vão descobrir o que aconteceu.

— Mas vamos dizer que ele não tenha morrido. Sei que você não acredita nisso, mas vamos considerar assim mesmo. Digamos que ele esteja doente e precise de mim para ir até lá e encontrá-lo. Nesse caso, não dá tempo de esperar o Sr. Fox reunir o comitê para arrumar outra pessoa que vá ao Brasil sem ter ideia do que está fazendo.

Pouco a pouco, a visão de Marina se adaptou à escuridão. Ela conseguia distinguir os contornos do quarto, da penteadeira, do abajur.

— Vou falar com ele. Prometo. Vou garantir que ele faça o que tem de ser feito.

— Eu vou para lá — disse Karen.

— Não, você não vai. — Era um tipo de impulso, agora Marina compreendia. Podia ser que, no dia seguinte, Karen não se lembrasse de nenhuma palavra daquela conversa.

O telefone ficou mudo por algum tempo.

— Eu iria — falou ela. — Juro por Deus que iria se não fossem os meninos.

— Olhe — disse Marina —, isso não é algo que possamos descobrir agora. Você tem de descansar um pouco. Temos de dar ao Sr. Fox a chance de investigar.

— Dei ao Sr. Fox tudo o que eu tinha — retrucou ela.

Naquela tarde, Marina pensou que Karen nunca mais falaria com ela de novo e que sempre a culparia por trazer uma notícia tão triste. O fato de que ela era a pessoa para quem Karen Eckman ligara no meio da noite dava uma sensação de perdão, e por esse perdão Marina se sentia profundamente grata.

— A que horas você tomou o comprimido para dormir?

Marina esperou. Observou o ponteiro grande brilhante ultrapassar o três, o seis, o nove.

— Karen?

— Você poderia ir.

Então Marina entendeu qual era o propósito da conversa. Quando Karen disse isso, uma visão de Anders surgiu nítida na mente de Marina: as costas voltadas contra uma barreira impenetrável de folhagens, os pés dentro da água. Ele segurava uma carta. Procurava rio abaixo pelo garoto na tora escavada. Ele estava morto. Marina podia não ter muita fé na Dra. Swenson, mas a doutora não era o tipo de pessoa que anunciaria uma morte que não tivesse ocorrido, pois isso seria uma inútil perda de tempo.

— Você é a segunda pessoa a me dizer isso hoje.

— Anders disse que você a conhecia. Contou que ela foi sua professora.

— É verdade — concordou Marina, sem querer entrar em muitos detalhes. Marina era de Minnesota. Ninguém acreditava nisso. Mesmo podendo ter assumido um emprego em qualquer outra parte, ela voltara porque adorava o lugar. Aquela era uma paisagem que ela entendia, só céu e pradaria. Ela e Anders tinham isso em comum.

— Sei que estou pedindo muito — falou Karen. — E sei como você se sente mal por causa de Anders, de mim e dos meninos. Sei que estou usando tudo isso contra você e que é injusto, mas ainda assim eu gostaria que você fosse.

— Compreendo.

— Sei que compreende — disse Karen. — Mas você vai?